

Quatro por dois

Não se sabe se a guinada do presidente Fernando Henrique é para valer ou manobra de despistamento. Até porque, se é clara no seu comportamento público, embaralha-se no jogo parlamentar executado pelos líderes que articulam a emenda da reeleição.

A julgar pela aparência, Fernando Henrique inverteu prioridades, ponderando o proveito de preservar os dois anos e dois meses do seu mandato antes de aventurar-se no tudo ou nada por mais quatro anos.

Só um cãndido com cadeira cativa no paraíso acreditaria nos recados e insinuações da desistência do sonho ou na ameaça da limitação, até 15 de fevereiro, do prazo para o pronunciamento do Congresso. Isto é, até a eleição das novas mesas diretoras da Câmara e do Senado, hoje exercitadas por aliados confiáveis e eficientes, como o deputado Luís Eduardo Magalhães e o senador José Sarney.

Dois cenários onde elencos diferentes representam atos diversos da mesma peça: no Congresso a meia-bomba, com um olho voltado para o segundo turno das eleições de prefeito em 14 capitais e duas dezenas de cidades, continua a novela da montagem da comissão especial incumbida de dar parecer sobre a emenda que escancara a cancela da reeleição. Em ação simultânea, o presidente ocupa o palco do Palácio do Planalto com o monólogo que reprisa em pronunciamentos diários. Não desperdiça oportunidade, pega carona em pretextos para recitar o texto retocado para ajustar-se à tática da hora: cobra ação do governo, que critica com o desembaraço e a veemência da linguagem da oposição; distribui carapuças que se ajustam em cabeças conhecidas e não poupa nem aliados indispensáveis, como os governadores. Quem sabe faz a hora. E faz acontecer: em dias de agenda magra, lança planos, um atrás do outro, em jorro de criatividade inesgotável.

Indiscrições intencionais ajudam a clarear intenções que pouco se disfarçam. No cálculo presidencial passou a ser considerada a variável da reeleição esbarrar no muro dos interesses espicaçados pelos êxitos nas eleições municipais. O favoritismo de Celso Pitta na decisão do segundo turno incendeia o coração do prefeito Paulo Maluf. Ora, Maluf escorrega como sabão molhado. E, se quando está por baixo não se pode

contar com ele, imagine-se agora, de pazes feitas com o sucesso, inflado de vaidade que brilha na ampla testa empinada. O PT ameaça ir a pique em São Paulo, mas a terceira vitória consecutiva em Porto Alegre enche a bola de Tarso Genro, que quica na explícita disposição

de disputar a indicação para candidato à presidência. Ora, o centro perdeu o medo de Lula e não receia Tarso Genro. Vislumbrada a chance de brigar pela classificação no primeiro turno da sucessão de 98, assanham-se ambições.

A reeleição pode ser aprovada. Não há certeza que se firme no chão escorregadio da desconfiança. E a derrota no Congresso desestabiliza o governo, esvazia a autoridade do presidente, atira o Planalto no clima de fim de festa.

O momento para evitar o pior é agora. Se o governo embalar, conseguir passar para o país a imagem da eficiência administrativa, os índices amplamente favoráveis da popularidade presidencial atingirão níveis que ajudam a contornar resistência. Candidatura escorada por amplo favoritismo tem apelo irresistível. Não se vira as costas para a promessa de permanência no poder.

O duvidoso não tem precedência sobre o certo. E o presidente está apostando dois anos e dois meses de mandato no lance da reeleição. Entende-se que cuide de acautelar-se, não se expondo tanto na ostensiva e afobada cabala para dobrar a frouxa resistência dos sábidos que aguardam o lance para a barganha do voto.

Em dois cenários, elencos diferentes representam atos diversos da mesma peça